fragmentos

Arqueologia, memórias e histórias de Parintins

Clarice Bianchezzi
Adriano Márcio dos Santos
Filippo Stampanoni Bassi
Helena Pinto Lima
Michel Carvalho Machado
Alef Fernandes Cruz
Arnoud de Oliveira Batista Filho
Maurício de Paiva

9 786500 380453

FAPEAM
Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Wilson Miranda Lima
Governador do Estado do Amazonas

Secretaria de
Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação

Jório de Albuquerque Veiga Filho
Secretário de Estado de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação - SEDECTI

FAPEAM
Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas

Márcia Perales Mendes Silva
Diretora-Presidente da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas

Esta obra foi financiada pelo Governo do Estado do Amazonas com recursos da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

BIANCHEZZI, Clarice; SANTOS, Adriano Márcio dos; BASSI, Filippo Stampanoni; LIMA, Helena Pinto; MACHADO, Michel Carvalho; CRUZ, Alef Fernandes; BATISTA FILHO, Arnoud de Oliveira; PAIVA, Maurício de.

Fragmentos: arqueologia, memórias e histórias de Parintins. / Clarice Bianchezzi, Adriano Márcio dos Santos, Filippo Stampanoni Bassi, Helena Pinto Lima, Michel Carvalho Machado, Alef Fernandes Cruz, Arnoud de Oliveira Batista Filho, Maurício de Paiva. --
1. ed. – Parintins, AM: Eskenazi Gráfica, 2021. 64 p. il.; color.

ISBN 978-65-00-38045-3

1. Arqueologia - Brasil - Amazonas. 2. Arqueologia - Parintins (AM)
3. Museus - Coleções - Amazonas (Estado) 4. Parintins (AM) - História. I. BIANCHEZZI, Clarice; II. SANTOS, Adriano Márcio dos; III. BASSI, Filippo Stampanoni; IV. LIMA, Helena Pinto; V. MACHADO, Michel Carvalho; VI. CRUZ, Alef Fernandes; VII. BATISTA FILHO, Arnoud de Oliveira; VIII. PAIVA, Maurício de.

22-98662 **CDD-930.1098113**

Índices para catálogo sistemático:

1. Patrimônio arqueológico: Parintins: Amazonas: Estado: História 930.1098113

Ficha catalográfica elaborada por: Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380
e Dilva Páscoa De Marco Fazzioni – CRB -14/636

Como referenciar esta publicação:

BIANCHEZZI, Clarice; SANTOS, Adriano Márcio dos; BASSI, Filippo Stampanoni;
LIMA, Helena Pinto; MACHADO, Michel Carvalho; CRUZ, Alef Fernandes;
BATISTA FILHO, Arnoud de Oliveira; PAIVA, Maurício de.
Fragmentos: arqueologia, memórias e histórias de Parintins.
1. ed. – Parintins, AM: Eskenazi Gráfica, 2021.

fragmentos

Arqueologia, memórias e histórias de Parintins

20 ANOS UEA Universidade do Estado do Amazonas
GEPIA Grupo de Pesquisas em Educação, Patrimônio, Arqueometria e Ambiente na Amazônia
musa MUSEU DA AMAZÔNIA
MG MUSEU GOELDI UNIDADE DE PESQUISA DO MCTI
FAPEAM Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas

Fragmentos:

Arqueologia, memórias e histórias de Parintins

‘FRAGMENTOS’ contempla histórias de vida e memórias de muitas pessoas, moradoras da área rural e urbana de Parintins. Abarca também fragmentos de vidas de pesquisadores, de professores, estudantes e de visitantes que interagem, cada um à sua maneira, com a arqueologia de Parintins.
O foco vem a partir das coleções arqueológicas, compostas por vasos e fragmentos de cerâmicas e artefatos em pedra - aquelas guardadas em casas de moradores das comunidades urbanas e rurais do município - as chamadas coleções domésticas -, e também de coleções já musealizadas - no Museu Goeldi em Belém, no Museu da Amazônia - MUSA e no Museu Amazônico, em Manaus/AM.

Juntos, e retratados com seus detentores, esses fragmentos criam conhecimento arqueológico em seu sentido mais amplo: aquele que se conecta às vidas das pessoas. Para comunicar esses acervos - incluindo não somente as peças arqueológicas (em sua materialidade e visualidade), mas sobretudo as diversas camadas de significados que elas carregam, esta exposição (e catálogo) exploram histórias: caminhos com uma enorme potencialidade para criar narrativas, gerar vínculos e laços entre coisas e gentes, em fios narrativos emaranhados em significados múltiplos, que conectam objetos, pessoas e paisagens.

O PROJETO

“Divulgação arqueológica em tempos de pandemia, coleções de Parintins-AM e suas histórias” - projeto idealizado por professores e pesquisadores de instituições: a Universidade do Estado do Amazonas - UEA campus de Parintins -AM, o Museu Paraense Emílio Goeldi de Belém-PA, e o Museu da Amazônia- MUSA de Manaus -AM - propôs socializar os conhecimentos sobre as coleções arqueológicas de Parintins - tanto aquelas musealizadas, como as inúmeras coleções domésticas cuidadosamente guardadas pelos moradores do município. Estas coleções guardam narrativas, histórias e memórias de pessoas e de comunidades em temporalidades presentes e passadas, constituindo um verdadeiro patrimônio da cultura regional. Nosso maior objetivo foi o de promover momentos e espaços (virtuais) para conhecer e debater sobre as coleções arqueológicas de Parintins, integrando pessoas que agem na formação, na gestão e na divulgação dos conhecimentos muitos que transbordam destas coleções.
Este projeto teve, então, o duplo objetivo ao estabelecer pontes de diálogo entre diferentes agentes que interagem com o patrimônio arqueológico de Parintins: os moradores das comunidades que reúnem materiais arqueológicos e convivem cotidianamente com estes vestígios, arqueólogas e arqueólogos que desenvolveram pesquisas no município, e instituições amazônicas que são responsáveis pela guarda de materiais arqueológicos provenientes de Parintins.

SOBRE A ARQUEOLOGIA EM PARINTINS

A cidade de Parintins, localizada na margem direita do rio Amazonas, é assentada sobre um terraço fluvial que domina a porção oriental de uma ampla região de várzea, delimitada ao sul pelo curso do paraná do Ramos. Esta região, conhecida como Ilha Tupinambarana, tem uma rica história, ainda pouco estudada. Numerosos fragmentos de antigos vasilhames indígenas que afloram nas diversas localidades rurais e na cidade testemunham que a região foi intensamente habitada por populações indígenas. As decorações presentes nos vestígios, por sua vez, indicam que, durante milênios, essas antigas comunidades estavam inseridas em grandes redes de interação, capazes de integrar, do ponto de vista sociocultural, diferentes grupos que ocupavam territórios distantes entre si.

O resultado das trocas e das recíprocas influências foi o surgimento e a persistência durante séculos de padrões estilísticos macrorregionais na produção de objetos, que se difundiram através da complexa rede aquática dos rios, lagos e furos que caracterizam a região. Tais padrões na cultura material, são chamados, pelos arqueólogos de Tradições. A arqueologia vem conhecer, a partir das pesquisas, apenas fragmentos desta milenar história indígena, que remonta há pelo menos 3 mil anos com as cerâmicas conhecidas como Pocó - aquele fragmento que abre este catálogo é um belo exemplar das cerâmicas Pocó. A estas, se sobrepõem na estratigrafia dos sítios arqueológicos, outros conjuntos pré-coloniais mais tardios, como as chamadas cerâmicas de estilo Globular e também as Konduri, que provavelmente ainda eram produzidas e utilizadas ao tempo da invasão europeia. Elas são caracterizadas pelo rebuscamento das modelagens, incisões e ponteados que dão forma a seres diversos, humanos e não-humanos. São as famosas "caretinhas", cuidadosamente recolhidas pelas pessoas que vivem hoje nesses lugares, fragmentos dessas cerâmicas que afloram da terra, em enorme profusão e diversidade.

Junto com a terra, preta e fértil, e com as paisagens, são verdadeiros legados deixados pelos povos indígenas que ocuparam e ainda ocupam a Amazônia. Fragmentos de uma história milenar que transborda em múltiplas temporalidades. Desde as pioneiras pesquisas de Curt Nimuendajú (1924-1925) e de Peter Hilbert e colaboradores (1953), as pesquisas arqueológicas em Parintins sempre tiveram maior foco na região do lago da Valéria, muito conhecida pelos sítios e artefatos arqueológicos, e também pela relação com o turismo, uma das paradas obrigatórias dos transatlânticos internacionais que circulam pelo Rio Amazonas anualmente. Mais recentemente, pesquisas ligadas ao licenciamento ambiental evidenciaram sítios em outras regiões do município, como o Parintins 8 no Lago Aduacá, na divisa com o município de Nhamundá, e o sítio Macurany, na comunidade de mesmo nome, nas margens do lago Parananema próximo a cidade de Parintins. Estes, e outros sítios e coleções, vêm sendo ainda pesquisados no âmbito acadêmico, por estudantes e pesquisadores locais membros do GEPIA, dando à arqueologia de Parintins um novo caráter, já que agora as pesquisas podem ser realizadas pelos próprios parintinenses interessados na sua história.

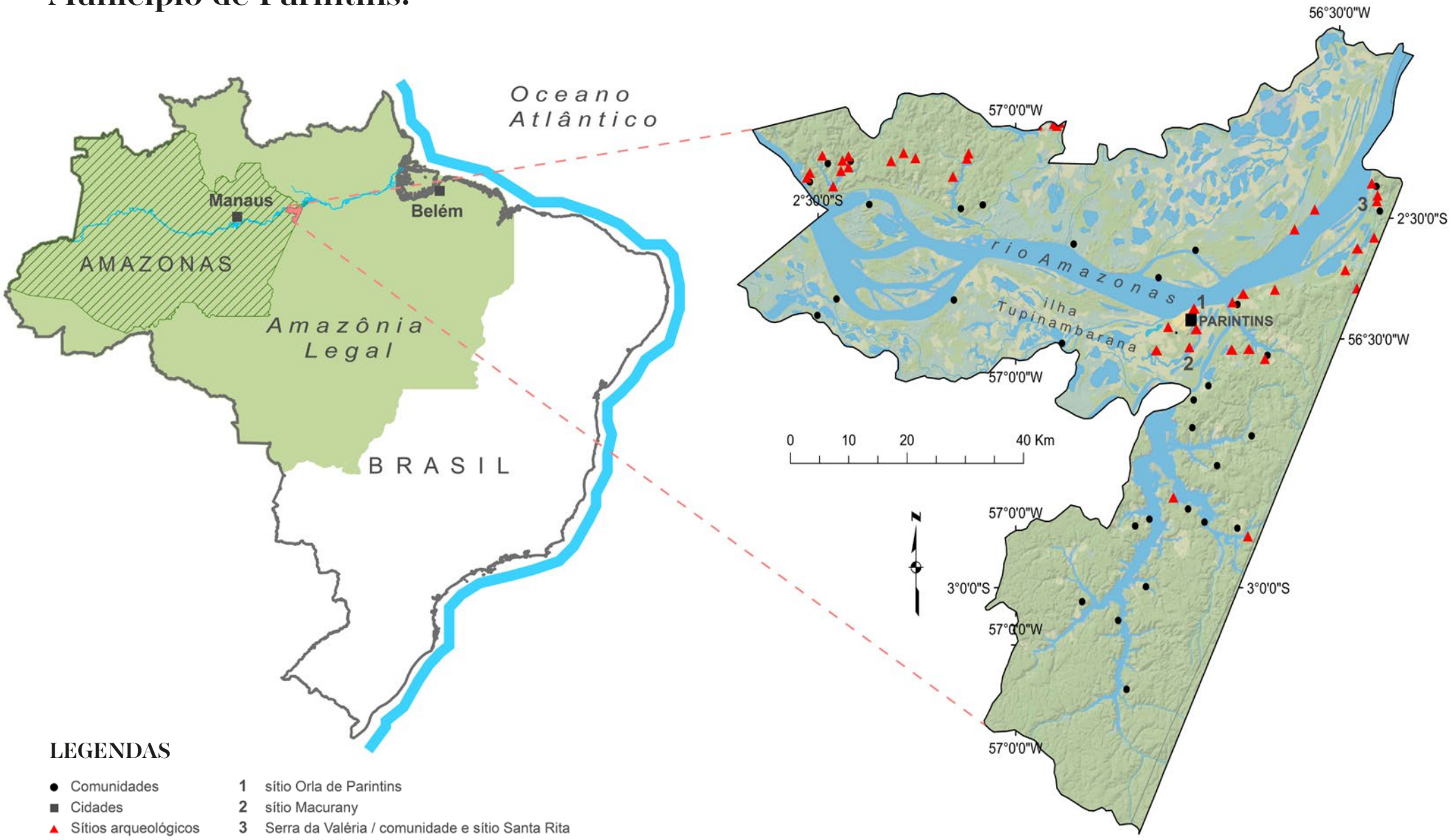
Uma sociodiversidade que ultrapassa as fronteiras do tempo passado e presente são temporalidades basilares da complexa relação entre pessoas e objetos arqueológicos.
A arqueologia, enquanto uma ciência do presente, tem seu foco investigativo voltado também às pessoas que atualmente vivem nos sítios arqueológicos e seu entorno, e a pesquisa busca, então, compreender os processos de construção de narrativas, de significados e de ressignificações em torno de tais vestígios.

CERÂMICAS ARQUEOLÓGICAS E CERÂMICAS CONTEMPORÂNEAS

" Quem não se emociona ao encontrar um pote inteiro ou um fragmento das cerâmicas incrivelmente diversas e sofisticadas que forram o chão de muitos sítios arqueológicos? A descoberta de cerâmicas tão antigas e complexas na Amazônia quanto em outras partes das Américas tem sido um importante elemento para uma séria revisão da história cultural da Amazônia." (Michael Heckenberger, 2016, em prefácio de livro).

A cerâmica é uma tecnologia extremamente sofisticada, que envolve um conhecimento apurado sobre o comportamento físico das argilas; sobre as possibilidades de misturas para a preparação da massa; sobre o tratamento a ser dado a essa massa, que se transformará em um pote ou em algum outro objeto cerâmico. A cadeia de operações da cerâmica tradicional ou indígena obedece, em linhas gerais, a uma sequência semelhante de operações. Começa com a coleta e preparo da matéria prima – as argilas e os antiplásticos - que é tratada variando de acordo com a "receita" de cada comunidade ceramista. Este aprendizado geralmente acontece no âmbito familiar, passando de geração em geração. A modelagem das vasilhas é geralmente feita pelo uso de uma técnica conhecida como acordelado ou roletado, que consiste na sobreposição de rolos de argila (roletes), um sobre o outro, dando assim forma à vasilha. Outras técnicas são a modelagem à mão livre e o uso de molde. Uma vez constituído o pote – fundo, corpo e boca – e alisado, ele é posto para secar. Algumas vezes recebem tratamentos de superfície e ornamentações neste momento, outras, somente depois da queima." (Helena Lima, 2019, em capítulo de livro).

Município de Parintins:



LEGENDAS

- ● Comunidades
- ■ Cidades
- ▲ Sítios arqueológicos

1 sítio Orla de Parintins
2 sítio Macurany
3 Serra da Valéria / comunidade e sítio Santa Rita

A equipe de pesquisa em campo documenta as coleções e interage com moradores da comunidade Santa Rita de Cassia, na Valéria, em Outubro de 2021.

RELAÇÕES ENTRE COISAS E GENTES

As coleções domésticas catalogadas evidenciam que há uma prévia seleção, pelas pessoas, dos cacos cerâmicos alçados ao mérito de serem guardados, armazenados e levados para dentro de casa. Nossa intenção foi a de ouvir as comunidades a respeito disso, e compreender o vasto número de significados que as pessoas atribuem e imprimem aos bens arqueológicos, apresentando as distintas acepções que contemplam não só a materialidade em si, mas usos, a relação histórica, afetiva e de pertencimento desses coletivos em relação aos bens arqueológicos.
Trazemos agora o resultado de um inventário participativo das coleções domésticas guardadas por moradores em Parintins. Cada detentor ou detentora que guarda peças ou coleções em sua residência, selecionou, indicou e escolheu peças a serem fotografadas. Eles narraram histórias associadas às peças, coleções e as formas como compreendem esses vestígios e espaços arqueológicos.

Da fluidez das coleções

Vale lembrar que o IPHAN realizou levantamentos de sítios e coleções domésticas, e ações de educação patrimonial em Parintins entre 2004 e 2008. Ao compararmos aquela catalogação efetuada em 2007 com esta nova ação de inventário colaborativo, que realizamos quatorze anos depois, neste ano de 2021, percebemos que estas coleções traduzem muito mais do que um bem arqueológico: elas compõem patrimônios pessoais e familiares. E assim sendo, elas transladam entre casas, pessoas, famílias: as peças se agrupam e reagrupam, os grupos se organizam constantemente e eventualmente dissolvem, mostrando um caráter único das coleções domésticas: a fluidez. A trama de fios que tecem as relações nas comunidades se amarra em uma rede ampla: vemos isso na própria circulação de peças e coleções entre casas, comunidades, cidades e municípios da região.

COMUNIDADE SANTA RITA DE CÁSSIA, VALÉRIA

A Comunidade de Santa Rita de Cássia está situada na margem direita do rio Amazonas, no lago da Valéria, a cerca de 50 km a leste da sede do município de Parintins. Os moradores organizam suas residências e demais edificações sobre um sítio arqueológico de grandes proporções, que foi cadastrado como AM-PT-01 (o primeiro registro do município junto ao IPHAN) e se caracteriza pela matriz de solo formada pela Terra Preta de Índio (solo fértil, escuro, resultante da ação humana no passado). Muito comuns na Amazônia, estes solos foram e são constantemente preferidos para moradias e roçados. Milhares de fragmentos, bem como muitos vasos inteiros, afloram na superfície da comunidade após a temporada de chuvas, seja nos quintais das casas, seja nas vias públicas.

Em Santa Rita de Cássia, assim como na maioria das comunidades amazônicas, as pessoas vivem em sítios arqueológicos (comunidades-sítios) implicando em relações únicas de vivência / convivência dessas pessoas com os vestígios arqueológicos: sejam eles o solo, as plantas, as caretinhas, e a própria paisagem – todos prenhes, grávidos de histórias e emaranhados na vida cotidiana.

Algumas dessas bonitas formas de apropriação são apresentadas nas páginas e imagens que se seguem neste catálogo.

Esta mesma comunidade foi um lugar de reencontro.
Reencontro entre parte de nossa equipe, que volta à Valéria anos depois dos primeiros trabalhos junto ao IPHAN (entre 2004 e 2008) e revê, em rostos conhecidos e reconhecidos, recebendo o carinho de um amigo que retorna. Agregando novos pesquisadores de áreas de conhecimento distintas e pesquisadores novos que também são acolhidos e passam a acolher essa comunidade-sítio.

"Paisagens são encontros de pessoas e lugares cujas histórias estão impressas na matéria, incluindo matérias vivas."

WILLIAM BALÉE

(2013, citação em tese acadêmica)

ELINAIR DOS SANTOS XAVIER

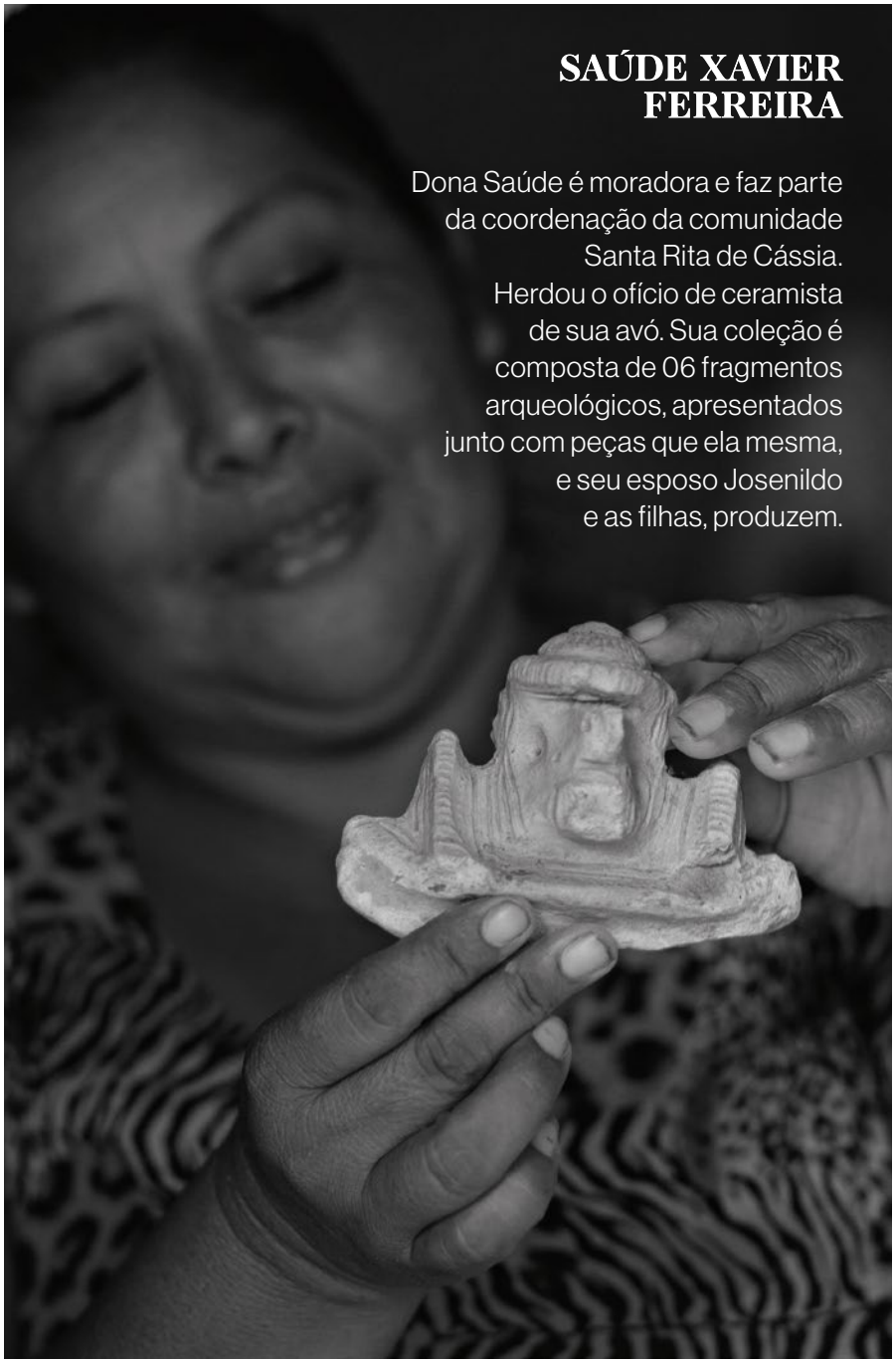
Elinair trabalha na Escola Municipal Marcelino Henrique como merendeira. Ela é conhecida na escola por guardar as caretinhas, e recebe em doação com frequência peças de alunos e conhecidos da comunidade. Sua coleção conta com 224 fragmentos e vai para uma estante construída como mostruário na sua sala. Ela conta que muitos visitantes, pesquisadores, estudantes, a procuram para conhecer mais sobre a arqueologia da região.

“Essas peças eu coleciono há 18 anos”
“Eu trabalho colecionando, não para olhar o passado, mas pro futuro, pros meus filhos saberem a importância dessas peças que existem aqui em toda a região, em toda a comunidade”

“Agora eu tô querendo fazer um local apropriado para pôr elas, para evitar que elas se desgastem com o passar do tempo”

“ Arqueologia é uma das formas de conhecer o mundo. Seu papel não é mais compreender a história do passado. Na Amazônia a arqueologia faz parte do tecido que constitui a vida das pessoas no presente... faz parte da ordem do sensível da vida cotidiana.”

MÁRCIA BEZERRA (2020, em palestra virtual)



SAÚDE XAVIER FERREIRA

Dona Saúde é moradora e faz parte da coordenação da comunidade Santa Rita de Cássia. Herdou o ofício de ceramista de sua avó. Sua coleção é composta de 06 fragmentos arqueológicos, apresentados junto com peças que ela mesma, e seu esposo Josenildo e as filhas, produzem.

“Aqui os moradores utilizavam sim as cerâmicas, tinha os alguidares bem grande, as assadeiras que eles colocam para ser servido.”

“Eu cheguei a ver os fornos de barros bem grandes que tinham pessoas que torravam farinha no forno de barro.”

“As cerâmicas que eu faço são diferentes das antigas”.

ALZIRA SENA XAVIER RODRIGUES

Dona Alzira é quem zela pela urna com remanescentes humanos encontrada em 2018, na comunidade. A chama de 'menina' devido ao aspecto pouco robusto dos ossos longos e crânio visíveis dentro da vasilha. Esta urna, até hoje, aguarda uma ação de conservação. Alzira tem também outros 26 pequenos fragmentos cerâmicos e 2 líticos encontrados no sítio, mas seu zelo mesmo está nesta peça, que ela não gostaria que fosse retirada da comunidade. Ela é exímia ceramista e também cozinheira, foi sempre muito atenciosa desde o início dos nossos trabalhos na comunidade.

"Pra mim, eu ter uma peça dentro da minha casa é um tesouro".

"Esse sítio aqui que a gente tem, ele é muito bem cuidado. ... É muito difícil você chegar numa casa e não ter uma pecinha dessas guardada".

"Pra mim é lembrança dos antigos... é uma coisa que eu devo guardar, que vai passar de mim pros meus netos, dos meus netos pros outros netos... Isso é uma lembrança que não acaba nunca. São do nosso passado, nossos antepassados, então a gente tem que cuidar, né".

"Antes de mim, aqui nesse pedaço aqui, morou outras pessoas, e eram mais criativos que a gente .... eles tinham ciência mais que a gente

"A nossa história está praticamente em todas as casas".

RAIMUNDA DE SOUZA XAVIER

Dona Raimunda se lembra bem de quando arqueólogos escavaram no seu quintal em 2007, e nos mostraram a marca quadrada perfeita que persiste no tempo do quintal. Lembrou saudosa que seu esposo zelou durante muitos anos os resquícios da escavação. Hoje Dona Raimunda guarda um alguidar recolhido em seu quintal, junto de fragmentos da tampa e mais sete caretinhas. Seu neto Marisson, curioso e sagaz, nos acompanhou no trabalho de inventário colaborativo, em 2021.

"Eu acho que essa peça era dos antigos, dos índios"

"Encontrava muito quando a gente capinava"

"Quando vai trabalhar aqui, fazer uma casa, eles acham esses materiais."

"Eu não sei, mais tarde, o que vou fazer disso daqui (vasilhame);
Pegar uma esponja e lavar...mas estão dizendo que vai quebrar.
Eu não sei se vai quebrar mesmo..."

IVONE DE SÁ RODRIGUES OLIVEIRA

Ivone é ceramista, e guarda em sua residência 70 fragmentos arqueológicos que dividem espaço com sua ampla produção artesanal, e também com um dos Bois Bumbás da comunidade, chamado Arretadinho - o outro, Boi Curumim , fica guardado na escola.

"Eu sempre encontro, às vezes quando chove, pelo canto das casas. ... A gente vai encontrando, e vai guardando."

“Tempos passados sempre houve venda, mas a gente, pra preservar, a gente tá guardando. A gente não tem um local adequado para colocar, eu guardo em casa, tem muitas pessoas que guardam também nas suas casas. Aí eu comecei a fazer as réplicas na argila, para poder vender. As que a gente pode vender, as que a gente faz. Essas aqui não podem ser vendidas.”

Familiares da casa de Ivone de Sá Rodrigues Oliveira, na comunidade Santa Rita de Cássia posam e seguram fragmento arqueológico.

Márcia Xavier Barbosa e sua coleção arqueológica doméstica

MÁRCIA XAVIER BARBOSA E MARCELA XAVIER BARBOSA

Márcia e Marcela, mãe e filha, contam que sua coleção começou há muito tempo, ainda pelo pai e avô, quando este era vivo. Ele recolhia as peças e as ensinou a guardar, não jogar fora. A coleção, com 60 fragmentos, fica guardada em uma estante, de uma cômoda dentro de casa.

Marcia: "Essas caretinhas, a gente tira muito ..."
"Eu guardo, faço coleção"

Marcela:" Valéria rica, né?!"
"Que tem essas artes, a beleza que tem..."

ESCOLA MUNICIPAL MARCELINO HENRIQUE

Também na Escola Municipal Marcelino Henrique - local por excelência do ensino formal - há coleções arqueológicas, que foram catalogadas em 2007 e novamente agora, em 2021, com 264 fragmentos e líticos. Há ainda uma coleção de cerâmicas contemporâneas resultantes de oficinas de educação patrimonial. O gestor, Sr. Ernandes Gonçalves Pereira, há 8 anos na comunidade, abriu a escola para que pudéssemos dialogar com jovens e crianças da comunidade.

"O turista vem para a Valéria por dois aspectos: pela beleza natural que o lugar contempla, e também porque fala-se muito que a Valéria é um sítio arqueológico"

"essas heranças devem ser passadas de pai pra filho"

FÁTIMA NERY XAVIER

Dona Fátima abrigou em sua residência a equipe de arqueologia que realizou pesquisas na comunidade em 2007 e em 2008. Foi uma verdadeira mãe, que introduziu aqueles jovens pesquisadores, então estrangeiros ao lugar, que se tornaria um foco importante para discussões relativas ao patrimônio arqueológico. Em 2021, ela abre novamente as portas de sua residência para nos mostrar um aplique Konduri, peça especial que guarda, com muito zelo, em sua casa.

JOSIELE DA SILVA BARBOSA E LÚCIO DE SOUZA XAVIER

O casal Josiele e Lúcio guardam em sua residência uma coleção significativa, com 98 peças. Lúcio já foi coordenador da comunidade,e por esta razão acompanhou iniciativas e visitas anteriores por pesquisadores e gestores. Ele mostrou grande preocupação em manter as peças na própria comunidade e fez um apelo para a criação de um espaço para esta finalidade.

Josiele: "Tem muita gente que vinha querer comprar, né. Mas nunca chegou a nossa mente de querer vender essas peças não."

Lucio: "A história da comunidade é essa: que foram os indígenas que moraram e deixaram esse material ai".

"Isso aqui é uma riqueza nossa, da nossa comunidade".

MICHEL CARVALHO MACHADO

Michel é um jovem pesquisador que se orgulha de estar em formação para se tornar o primeiro arqueólogo parintinense. Cursou História na Universidade do Estado do Amazonas, onde foi bolsista de iniciação científica, e atualmente cursa o mestrado em Diversidade Sociocultural do Museu Goeldi, sempre estudando a história indígena de Parintins por meio da arqueologia. Ele guarda uma coleção formada por 190 fragmentos recolhidos em diversos sítios arqueológicos da região, incluindo da própria Orla de Parintins.

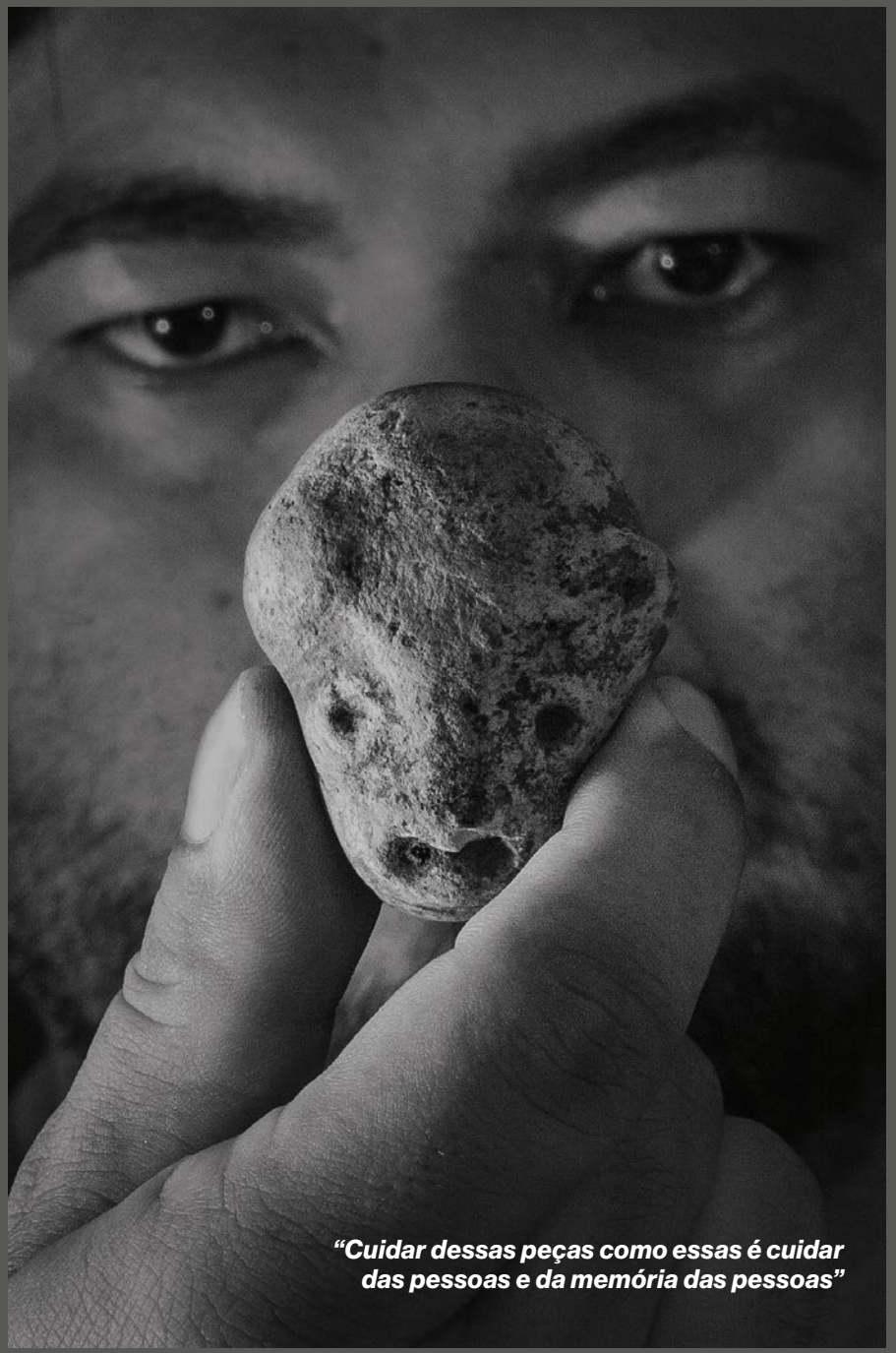
"Tenho orgulho de onde eu sou!"

"Tinham diferentes formas e isso chamava minha atenção"

"Eu comecei a guardar. começou com três fragmentos e eu comecei a querer saber onde eram esses locais..."

"Há diversos afloramentos, há diversas ocorrências de achados arqueológicos aqui no município de Parintins, mas o que falta são pesquisas e projetos para essa área."

"Continuar os incentivos com os parintinenses, porque a gente tem uma população, têm pessoas que são muito empenhadas para executar essas pesquisas que são daqui"



“Cuidar dessas peças como essas é cuidar das pessoas e da memória das pessoas”

ERICKY NAKANOME

Professor de Artes da Universidade Federal do Amazonas e artista visual. Guarda uma coleção formada por 41 fragmentos (cerâmicas e líticos) oriundos das comunidades de Distrito Mocambo do Arari, comunidades do entorno do Lago Valéria de Parintins e de municípios próximos como Juruti Velho, Urucará e Urucurituba. Essas peças lhe foram oferecidas como gratidão em forma de presentes pelo seu pai, por alunos da universidade, por familiares e admiradores do seu trabalho artístico e como docente no curso de Arte da UFAM.

“Não me sinto bem em estar guardando algo que não pertence a mim, que pertence hoje à comunidade”

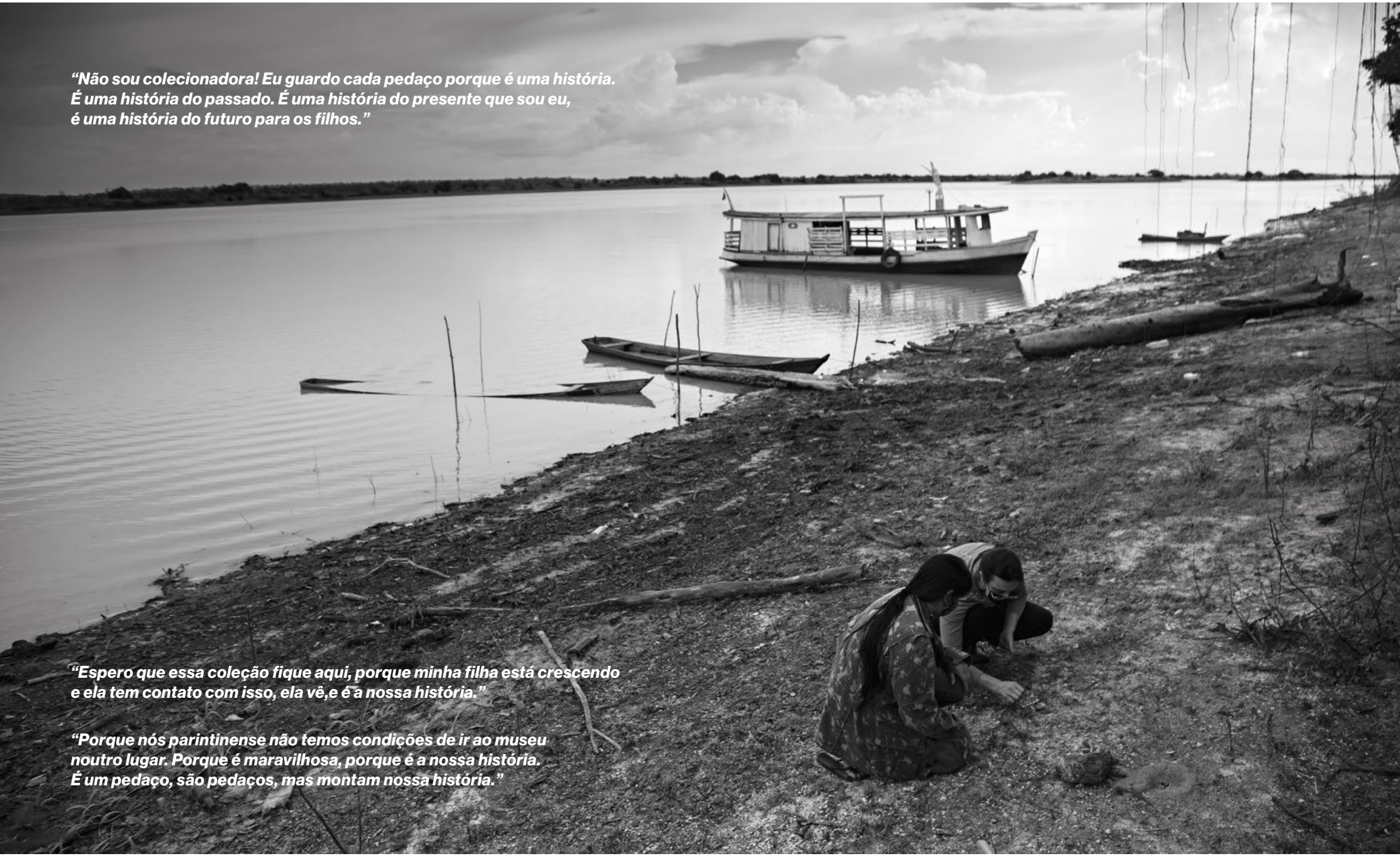
“Porque isso aqui em Parintins não é uma coisa incomum, você encontra varrendo, juntando folhas no quintal e a comunidade precisa entender que isso tem uma importância.”

ELIONETE DE OLIVEIRA ESTEVES

A coleção de Elionete conta muito sobre a complexa história do Macurany, sítio localizado às margens do lago Parananema, bem perto da cidade de Parintins, local onde a família do esposo Wenderson, reside. Sua coleção, com 921 se formou a cada temporada que as águas do lago baixavam e deixavam expostas à erosão e intempéries quantidades de vasilhas, fragmentos, louças, e outros objetos relacionados à história mais recente daquele significativo lugar.

"Minha relação com as peças começou pequena (...) meu pai nos levava para o interior, para Arauá e lá tinha peças arqueológicas"

"São pedaços que montam nossa história"



“Não sou colecionadora! Eu guardo cada pedaço porque é uma história. É uma história do passado. É uma história do presente que sou eu, é uma história do futuro para os filhos.”

“Espero que essa coleção fique aqui, porque minha filha está crescendo e ela tem contato com isso, ela vê,e é a nossa história.”

“Porque nós parintinense não temos condições de ir ao museu noutro lugar. Porque é maravilhosa, porque é a nossa história. É um pedaço, são pedaços, mas montam nossa história.”

MARIA DO PERPÉTUO SOCORRO BRITO DA SILVA E TARCÍSIO BRITO DA SILVA

Maria do Perpétuo Socorro e o filho Tarcísio têm uma residência na área central da cidade de Parintins (AM), e ao empreenderem obras para construção de uma piscina no quintal, em 2018, encontraram os vestígios arqueológicos que deram originaram a coleção formada por 143 fragmentos (cerâmicas e líticos). O local foi registrado no IPHAN como sítio arqueológico "Orla de Parintins", e as cerâmicas recolhidas nos remetem ao estilo Pocó, de cerca de 3 mil anos atrás.

"Esse achado para nós é um tesouro!"

"Quem encontrar essas peças antigas nos seus quintais, que procure os órgãos competentes... pode ser um grande achado para história".

"Passar para alguém que possa estudar o assunto (...) e passar para nossos netos e bisnetos"

“ Um olhar sustentado pela pertença à emoção da terra, com a sensibilidade disponível ao raro (...) Na linha da ribanceira, entre o rio e a floresta, estão os arquivos da vida amazônica. É uma verdadeira escola do olhar.”

JOÃO DE JESUS PAES LOUREIRO (Revista IPHAN 37)

AS COLEÇÕES MUSEALIZADAS TAMBÉM CONTAM A HISTÓRIA DAS PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS EM PARINTINS

Para uma consideração abrangente da arqueologia de Parintins, nossa viagem percorreu por outros locais, também na busca por coleções que foram historicamente formadas, e que se encontram em instituições de guarda localizadas em Manaus/AM e Belém/PA. Isto porque a história das pesquisas arqueológicas no município, que remontam a meados do século passado, remetem a estas instituições, bem como a museus internacionais.

MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

As coleções de arqueologia e etnografia do Museu Goeldi são tombadas pelo IPHAN como patrimônio cultural do Brasil desde 1940. Formada ao longo de 155 anos de pesquisa arqueológica, seu acervo arqueológico conta hoje com milhares de objetos inteiros ou semi-inteiros e milhões de fragmentos cerâmicos e líticos entre outros. Trata-se de um acervo excepcional, com itens que atestam a sociobiodiversidade e a complexidade da longa história da ocupação humana da Amazônia, desde suas manifestações mais antigas que remontam há milhares de anos até os contextos mais recentes, com matrizes indígenas, africanas, europeu-coloniais e pós-coloniais.
De Parintins, duas coleções foram musealizadas, a primeira resultante das pesquisas de Peter Hilbert e Harold Schultz, com registro de entrada no museu em 1953, e composta por 48 fragmentos e uma lâmina de machado, oriundos da região da Valéria e também de “oriente” de Parintins (local não referenciado). E da mesma região da Valéria, há também uma pequena coleção com 05 fragmentos que foi doada ao museu em 2004.

MUSEU AMAZÔNICO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

O Museu Amazônico, inaugurado em 1991, é um órgão suplementar da reitoria da Universidade Federal do Amazonas e atua no apoio à pesquisa, ensino e extensão do conhecimento da Amazônia e de suas culturas. Em 2014 o laboratório de arqueologia ganhou novas instalações dentro do campus universitário, onde o extenso acervo arqueológico, com aproximadamente 30 toneladas, está salvaguardado.
De Parintins, há uma coleção mais antiga oriunda da região da Valéria e do sítio Viana localizado na cidade, ambas recebidas por meio de doação, e também os fragmentos resultantes das escavações realizadas pelo Projeto Baixo Amazonas, em parceria com o IPHAN (2004-2008).

MUSEU DA AMAZÔNIA: MUSA

O MUSA é uma associação civil, de direito privado, sem fins lucrativos, que desenvolve e administra programas e projetos de museologia, pesquisa, educação e turismo, dedicados ao estudo e à divulgação do conhecimento científico e social dos biomas, da história e das culturas da região amazônica. Fundado em 2009, o museu está localizado na Reserva Florestal Adolpho Ducke, na periferia norte da cidade de Manaus. O acervo arqueológico guardado no MUSA soma mais de 30.000 objetos e conta com artefatos fragmentados e inteiros, amostras de solo, carvão, material ósseo, entre outros. As coleções provenientes de Parintins compreendem 306 objetos, sendo a maior parte fragmentos de cerâmica provenientes dos sítios Macurany e Orla de Parintins, recentemente doados em guarda ao museu pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional -IPHAN e por moradores da região.

O LUGAR LEGÍTIMO DAS COLEÇÕES DOMÉSTICAS NA GESTÃO PATRIMONIAL

Parintins é um lugar icônico no que tange a formação de coleções domésticas. Moradores dessas comunidades-sítio atuam como importantes agentes de preservação do patrimônio arqueológico, mas ainda pouco ouvidos na formulação de políticas patrimoniais e pouco contemplados na legislação vigente relacionada com esses bens. Historicamente, os diversos regimes de conhecimentos de povos tradicionais foram classificados como avessos ao conhecimento científico, sendo este segundo privilegiado nas construções de políticas patrimoniais ao longo do tempo. Tais paradigmas foram derrubados de vez no século XXI e já vemos mudanças significativas neste campo, a exemplo da Política do Patrimônio Cultural Material (IPHAN, 2018).

Sabendo que o ato de colecionar (e a lógica subjacente que fundamenta uma curadoria e organiza uma exposição), se fazem dentro do campo social e histórico em cada tempo e lugar, conhecer esses regimes diferenciados de materialidades às coleções domésticas permite adentrar lógicas outras de cuidado e assim perceber formas mais efetivas de gestão. Esclarecemos que em nenhum momento fomentamos novas coletas, o incremento ou formação de novas coleções. Este papel não nos cabe. Somos cientes e trazemos a público a legislação patrimonial brasileira que desencoraja tais ações. Mas, ao contrário, trazemos à reflexão o lugar legítimo que essas coleções ocupam na preservação e na vida das pessoas. A legislação patrimonial, que ainda não dá conta de absorver tal situação, em toda a sua complexidade, precisa e busca renovação. Acreditamos que este seja um passo neste sentido. De forma dialógica e horizontalizada, trazemos os diferentes coletivos que atuam na produção de conhecimento e na preservação das coleções arqueológicas, colocando em destaque quem são as pessoas que cuidam desses acervos, e com as quais poderemos aprender mais sobre necessidades e possibilidades do manejo dos sítios e coleções arqueológicas da Amazônia.

Muito além da arqueologia, as peças, marcas e vestígios participam da vida vivida de mulheres, homens e crianças, de indígenas, caboclos e urbanos, pessoas curiosas ou pesquisadoras (...) as imagens estabelecem o entrelaçamento entre paisagens, coisas arqueológicas e as pessoas do contemporâneo.

MARIANA PETRY CABRAL
(2020, em livro)

AGRADECIMENTOS

Obrigado a cada pessoa da comunidade de Santa Rita de Cássia – Lago da Valéria e da cidade de Parintins que recebeu a equipe do projeto autorizando a filmagem e fotos das coleções arqueológicas.

Ao Museu da Amazônia-MUSA, Museu Amazônico da UFAM e Museu Paraense Emílio Goeldi, obrigado por nos receber para registro e fotos das coleções arqueológicas musealizadas de Parintins-AM.

Esta publicação se debruça sobre coleções arqueológicas domésticas e musealizadas, paisagens e pessoas de Parintins. A cidade e algumas comunidades do interior irmanam-se no entorno do grande rio Amazonas, localizado no estado homônimo.

O livreto homenageia os parintinenses de hoje, mas também àquelas pessoas que viveram neste lugar em tempos pretéritos.

É parte do Projeto

DIVULGAÇÃO ARQUEOLÓGICA EM TEMPOS DE PANDEMIA, COLEÇÕES DE PARINTINS - AM E SUAS HISTÓRIAS

PROGRAMA DE APOIO À POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO POP C, T&I

FAPEAM
Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas

FICHA TÉCNICA

Este livro foi produzido no âmbito do projeto Divulgação arqueológica em tempos de pandemia, coleções de Parintins-AM e suas histórias financiado com recursos provenientes do Edital n.º 003/2021 - Programa de Apoio à Popularização da Ciência, Tecnologia e Inovação – POP C, T&I da FAPEAM/ Governo do Estado do Amazonas.

EQUIPE PROJETO

Universidade do Estado do Amazonas:
Clarice Bianchezzi e Adriano Márcio dos Santos

Museu da Amazônia - MUSA:
Filippo Stampanoni Bassi

Museu Paraense Emílio Goeldi:
Helena Pinto Lima e Michel Carvalho Machado

Universidade do Estado do Amazonas:
Alef Fernandes Cruz e Arnoud de Oliveira Batista Filho

PRODUÇÃO EDITORIAL

Produção e edição de Fotografias:
© Maurício de Paiva / Fotoarqueologia
Textos e Pesquisa: Helena Pinto Lima,
Clarice Bianchezzi e Filippo Stampanoni Bassi
Mapa: Filippo Stampanoni Bassi
Coordenação editorial: Mauricio de Paiva
Projeto gráfico: José Vitor de A. C. Malheiro
Tratamento e finalização de imagens: Leonardo Miguel
Imagens adicionais da coleção UFAM / MUSA (página 59) :
© Ruan Fogo de Melo Oliveira
Impressão: Eskenazi Gráfica

Catálogo impresso vinculado ao website:
www.colecoesarqpin.com/fragmentos

Todos os direitos reservados.
É proibida a reprodução deste livro com fins comerciais sem prévia autorização dos autores/organizadores.